

ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA: PROJETANDO UM DESAFIO

FLÁVIA PAGNONCELLI GALBIATTI¹; RODOLFO BARBOSA RIBEIRO²; ANDRE DE OLIVEIRA TORRES CARRASCO³

¹ Universidade Federal de Pelotas – flaviagalbiatti@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – rodolfobribeiro@live.com

³ Universidade Federal de Pelotas – andre.o.t.carrasco@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O João de Barro Escritório Modelo (joãoBEM), configura-se como programa de extensão dentro da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Atua em uma lógica de extensão universitária como comunicação, no sentido de troca mútua e constante de saberes entre a comunidade e a universidade. Projetando um Desafio é parte do projeto Espaços de Convivência deste programa de extensão.

O que importa, realmente, ao ajudar-se o homem é ajuda-lo a ajudar-se. É fazê-lo agente de sua própria recuperação. É, repitamos, pô-lo numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. O assistencialismo, ao contrário, é uma forma de ação que rouba ao homem condições à consecução de umas das necessidades fundamentais de sua alma – a responsabilidade. (FREIRE, Paulo, 1994)

O projeto Espaços de Convivência, dá-se em experiências realizadas na própria FAUrb, como também em outros espaços dentro e fora da universidade. Compõem-se por um conjunto de práticas que seguem uma metodologia simples – demanda de um movimento social organizado, captação das intenções e desejos, discussão de viabilização e, por fim, a intervenção – com objetivo de consolidação e melhorias de espaços coletivos passando pelo exercício de organização social, alternativas de atuação da arquitetura e construção de espaços de emancipação.

Atua-se primeiramente dentro da FAUrb, experimentando técnicas de construção de mobiliários e intervenções, propiciando a ocupação de espaços ociosos. Alimenta-se de outras experiências em outras universidades, por meio de Seminários e Encontros de Estudantes de Arquitetura, criando repertório de possibilidades. Dão-se também ações em conjunto a outros cursos da UFPel, realizando oficinas e intervenções – Encontro Regional da Agronomia, Semana Acadêmica do Design, entre outros. Constata-se a carência por espaços de convivência dentro da Universidade e nas relações com seu entorno.

Aproxima-se da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREC), que buscava formas de atuação no Campus Anglo. Chega-se a uma intervenção de caráter catalisador a realizar-se durante a Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão (SIEPE), com objetivo de levantar demandas da comunidade acadêmica relacionadas a usos de espaços coletivos da universidade. A partir do material coletado, destacam-se as demandas do Projeto Desafio Curso Pré Vestibular, da Casa do Estudante Universitário e outros movimentos de luta estudantil.

Fortalece-se a relação com Desafio. Entendendo na educação a linguagem para uma atuação alternativa do arquiteto, percebeu-se nesse projeto uma oportunidade de estudo e aprendizado, a partir de um espaço de educação popular e inclusiva. O projeto Desafio, criado e coordenado por estudantes da

UFPel, para além do acesso à Universidade, dá-se como ferramenta para a construção de um pensamento crítico, fomentando a autonomia dos educandos e educadores.

Propõe-se com o projeto a qualificação do espaço no Desafio, a partir dos desejos e de uma relação horizontal autogerida da comunidade do curso pré-vestibular. Pensa-se na apropriação da comunidade, construída a partir do processo, proporcionando também, um espaço de educação e emancipação, onde o usuário conhece a técnica e é também o produtor do espaço. E ainda, a intervenção é parte das iniciativas de incentivo a permanência dos estudantes, assim como a luta pela meia passagem e o movimento contra a precarização, dado o descaso da universidade ao curso.

2. METODOLOGIA

Propõe-se a atuação a partir de encontros periódicos que correspondem as etapas de construção direta da qualificação do espaço no Desafio e, ao mesmo tempo, provocando discussões de fundo – espaços de formação – no sentido de aproximações entre arquitetura, educação e processos de projeto.

Basicamente dá-se nas seguintes etapas: 1) Demanda de um coletivo organizado; 2) Coleta de desejos e intenções; 3) Leitura e espacialização das vontades; 4) Discussão de viabilização do projeto desejado; 5) Captação de recursos e materiais; 6) Intervenção; e, simultaneamente aos outros pontos, o registro através de fotografias, vídeos e redação das experiências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira visita ao espaço do Desafio e as conversas com a coordenação, foram fundamentais para a contextualização da realidade do Desafio, percebendo potencialidades e restrições do lugar e, portanto, a adaptação da metodologia proposta.

Como forma de aproximação aos estudantes e contribuição ao conteúdo programático do curso, pensou-se em conjunto aos professores de sociologia, filosofia e geografia, a realização do projeto Aulão Interdisciplinar, com a temática Espaço Social. Com objetivo de provocar discussão sobre a cidade – a produção dos espaços públicos e privados, os agentes produtores e as relações entre centro e periferia, campo e cidade – e dar início às atividades.

Assim, faz-se o recorte sobre a ocupação dos espaços no Desafio e através de cartazes colaborativos, busca-se coletar os desejos e as inquietações da comunidade do curso. Propõe-se a formação de um grupo para analisar o material produzido e destacar as demandas e objetivos da intervenção.

Configuram-se dessa maneira os encontros, em caráter de oficinas temáticas que correspondem as etapas metodológicas inicialmente propostas, mas de conteúdo aberto e transformação constante visto a participação e o protagonismo do grupo.

Ainda nesta fase de análise do material coletado, são realizadas as oficinas de espacialização das demandas, levantamento dos espaços e zoneamento dos usos. Construindo assim, uma base importante para a realização da intervenção pretendida.

Realiza-se também um encontro com o objetivo de experimentar uma intervenção em menor escala para perceber o lugar, os materiais disponíveis e reorganizar os espaços. Dá-se principalmente pela relocação de mobiliários, correspondendo aos zoneamentos constatados e pequenas intervenções, com

materiais simples e de sentido elucidativo – e cartazes representando possibilidades de atuação.

Contudo, as mudanças no espaço físico, causam impactos e reações, demonstrando resistências por partes da comunidade do curso, quanto as propostas de intervenção. Deve-se ressaltar o tensionamento provocado, que por sua vez, proporciona o desenvolvimento da capacidade de mobilização e articulação do grupo – espaços de formação.

O movimento de formação, de gestação da forma, é também movimento de elaboração progressiva do conteúdo. Forma é exteriorização de conteúdo. E formação, germinação do conteúdo. O projeto de um coletivo autodeterminado tem que ser, e ser somente, o registro da projeção coletiva, da ação projetiva comum durante a qual forma e conteúdo se interdeterminam no movimento de sua ação recíproca. (FERRO, Sergio, 2015)

Pensa-se a viabilização das ações – orçam-se valores e escalam-se as importâncias e as instâncias de autorização para as modificações. Evidencia-se a complexidade da realização do projeto, buscam-se formas de captação de recursos e materiais para a execução – como a venda de alimentos no intervalo, a realização de sessão de cinema, entre outros.

O projeto encontra-se nesta etapa de viabilização, buscando realizar a primeira parte da intervenção proposta. Para além da qualificação de umas das zonas previamente identificadas, a ação tem objetivo de externar o trabalho produzido à comunidade do curso, assim como a integração da mesma a partir dos processos de produção pretendidos para esse espaço.

4. CONCLUSÕES

Parcialmente é possível destacar sobre o processo um diálogo entre os objetivos pretendidos e os resultados obtidos e, com isso, a adaptação da metodologia proposta. A começar pelas demandas da comunidade do curso pré-vestibular, tomadas a partir da contextualização dos primeiros encontros ao contato mais efetivo através do aulão interdisciplinar, de diálogo direto com a comunidade, onde se constroem possibilidades de atuação na cidade, na sociedade e, por consequência, nos usos e espaços do Desafio.

Desenvolve-se o trabalho a partir de um grupo aberto e horizontal de formação livre, por aproximação de interesses. Dão-se encontros temáticos relacionados a análise do material coletado na comunidade. Discutem-se as formas de leitura e de reportagem, dá-se o ritmo do trabalho. Percebe-se a formação de um espaço de educação, onde se constrói alternativas de atuação – entre o desenho e a técnica arquitetônica, a educação popular e a relação com os estudantes, professores e funcionários do Desafio.

O protagonismo do grupo no processo faz-se essencial diante das resistências apresentadas, articulando-se para a continuidade do projeto e pela autonomia conquistada. Pensando a viabilização do projeto, percebe-se a potência de ações coletivas no espaço do curso, mesmo em menor escala, para acercar-se à comunidade e reportar o trabalho produzido. Evidencia-se em uma das ações propostas pelo grupo – a sessão de cinema – que a resignificação não está diretamente ligada a intervenção física, mas às alternativas de uso desses espaços.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARZIONI, G. **Hábitat popular: encuentro de saberes**. Buenos Aires: Nobuko, 2012.

ARANTES, P.F. **Arquitetura Nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefèvre, de Artigas aos mutirões**. São Paulo: Editora 34, 2002.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CONSTANTE, P.; VILAÇA, I. (org.) **Usina: entre o projeto e o canteiro**. São Paulo: Edições Aurora, 2015.